



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA**

**LÍGIA MARIA RAMALHO RIBEIRO**

***REPRESENTAÇÕES DA DOR DA PERDA EM CHICO BUARQUE:  
UMA LEITURA DE PEDAÇO DE MIM, ANGÉLICA E MEU GURI***

**JOÃO PESSOA  
2018**

LÍGIA MARIA RAMALHO RIBEIRO

***REPRESENTAÇÕES DA DOR DA PERDA EM CHICO BUARQUE:  
UMA LEITURA DE PEDAÇO DE MIM, ANGÉLICA E MEU GURI***

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura  
Plena em Letras pela Universidade Federal da  
Paraíba, como requisito para a obtenção do título  
de Licenciada em Letras, habilitação em Língua  
Portuguesa.

**ORIENTADOR:** PROF. Dr. HERMANO DE  
FRANÇA RODRIGUES

JOÃO PESSOA  
2018

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

R484r Ribeiro, Ligia Maria Ramalho.

REPRESENTAÇÕES DA DOR DA PERDA EM CHICO BUARQUE: UMA  
LEITURA DE PEDAÇO DE MIM, ANGÉLICA E MEU GURI / Ligia  
Maria Ramalho Ribeiro. - João Pessoa, 2018.

36 f. : il.

Orientação: PROF Dr HERMANO DE FRANÇA RODRIGUES.  
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. DOR EM PSICANÁLISE - AMOR - CANÇÃO - MORTE-CHICO B.  
I. RODRIGUES, PROF Dr HERMANO DE FRANÇA. II. Título.

UFPB/CCHLA

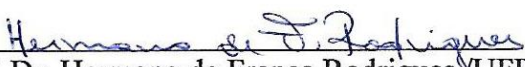
LÍGIA MARIA RAMALHO RIBEIRO

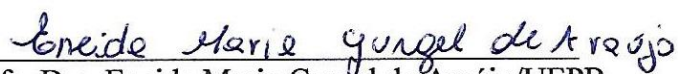
**REPRESENTÇÕES DA DOR DA PERDA EM CHICO BUARQUE:  
UMA LEITURA DE *PEDAÇO DE MIM*, *ANGÉLICA* E *MEU GURI***

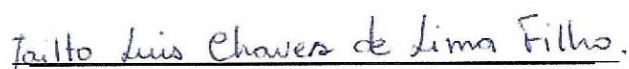
Aprovado

Em 14 / 06 / 2018

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues/UEPB  
Orientador

  
Profa. Dra. Eneida Maria Gurgel de Araújo/UEPB  
Examinador

  
Prof. Jallto Luis Chaves de Lima Filho/UEPB  
Examinador

Dedico à minha mãe, Socorro Ramalho, que com o seu espírito poético aguçou em mim o desejo pelas artes literárias.

## AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me permitido chegar até aqui. Em alguns momentos de dificuldades foi a Ele que busquei no silêncio do meu quarto e sua resposta sempre veio de imediato dando-me serenidade para jamais desistir deste sonho.

A esta instituição de ensino, sobretudo, ao corpo docente. Tantos mestres que tive o privilégio de beber em suas fontes de conhecimentos e que aguçaram em mim o interesse pelas artes, pela poesia, a pensar a língua como instrumento de descoberta constante, pela sua capacidade de sempre se renovar. Muitos professores me servirão de exemplos na trajetória que almejo construir na educação.

Ao meu orientador, prof. Dr. Hermano de França Rodrigues, pela sua generosidade e empatia ao me conduzir na elaboração deste trabalho para que eu pudesse desfrutar dessa conquista.

Aos meus irmãos Simony, Leonardi, Luziana e Eveline que sempre me apoiaram e incentivaram nessa trajetória, porém não posso deixar de abrir um parêntese para agradecer, em especial, a minha irmã, Luziana que é um exemplo de dedicação e disciplina quando se busca um sonho. Ela é uma professora que inspira e transforma a vida dos seus educandos através do seu senso de justiça e comprometimento com a educação. Sempre está ao meu lado, não só em se tratando da vida acadêmica, mas em todas as situações. Eu e ela já vivemos dias de sol e dias de temporal, mas no final o amor sempre chega para assumir o seu lugar de relevância em nossas vidas. E falando em pessoas que amo, peço licença para tecer alguns mimos para minha irmãzinha caçula, Eveline, nossa Belinha, uma das criaturas mais puras e justas que conheço e tenho a honra de tê-la como irmã. Obrigada, Bela, por todo o amor e carinho que recebo de você.

Ao meu pai, Mozar Ribeiro, um homem de vida e costumes simples, mas com uma sabedoria que não tem diploma que compre. Sempre que o destino nos traz uma surpresa não muito agradável ele chega com a sua sabedoria e nos faz enxergar que nem tudo está perdido, que Deus irá nos sustentar que o sol sempre vai voltar a brilhar.

Ao meu filho, Luiz Eduardo, que sempre esteve ao meu lado, na luta cotidiana, para alcançar este sonho.

A minha mãe, Socorro Ramalho, que, infelizmente, não está mais aqui entre nós. Uma mulher que deixou um legado de amor, compreensão, sabedoria, sou grata a Deus por nessa vida ter tido a sorte de tê-la como mãe. A senhora, mãe, dedico essa conquista com todo o meu amor e gratidão.

Mas sentes que se há diamante  
inalterável é o coração materno,  
que mais brilha quanto mais  
espesa é a treva. Rainha ou  
escrava, a mãe é sempre mãe.

José de Alencar.

## RESUMO

Neste trabalho, propomo-nos a uma reflexão sobre a questão da dor oriunda da perda, seja ela simbólica, porquanto o que se perde não é um ser, mas sim poder, prestígio, controle de uma situação, ou seja, uma perda do próprio ego, a perda de alguém que se ama e, sobretudo, a perda que consideramos a maior de todas elas, a dor da mãe que teve a vida de um filho ceifada. Nesse percurso, faremos uma análise, através de canções de Chico Buarque de Hollanda, à luz da psicanálise de Sigmund Freud, como também através do professor e psicanalista J. D. -Nasio, de como a perda invade e devasta a vida de quem é acometida por ela. Iremos lançar o nosso olhar com maior atenção aos sentimentos de amor, dor e morte. No contexto da nossa reflexão, são sentimentos que se encontram entrelaçados e perpassam todo o caminho que iremos percorrer a partir das reflexões que as canções *Pedaço de Mim*, *Angélica* e *Meu guri*, de uma forma poética e profunda que essas canções nos permitem adentrar no universo da perda por alguém ou algo que se ama.

**Palavras-chave:** Dor em psicanálise. Amor. Canção. Morte. Chico Buarque.

## **ABSTRACT**

In this work, we propose a reflection on the issue of loss pain, whether symbolic, because what is lost is not a being, but power, prestige, control of a situation, that is, a loss of one's own ego, the loss of one who is loved and, above all, the loss we consider the greatest of them all, the pain of the mother who had the life of a son harvested. In this course, we will analyze, through songs by Chico Buarque de Hollanda, in the light of Sigmund Freud, psychoanalysis, as well as through the teacher and psychoanalyst J. D-Nasio, how the loss invades and devastates the life of those who are affected by it . We will take a closer look at feelings of love, pain and death. In the context of our reflection, they are feelings that are intertwined and permeate all the way that we will travel from the reflections that the songs Piece of Me, Angelica and My Guri, in a poetic and deep way that these songs allow us to enter the universe of loss for someone or something you love.

**Keywords:** Pain in psychoanalysis. Love. Song. Death. Chico Buarque.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 CAPÍTULO I – APRESENTAÇÃO DAS PRELIMINARES</b> .....	13
2.1 MAPEAMENTO DA CATEGORIA: UM PASSEIO NA BIBLIOGRAFIA DE CHICO BUARQUE DE HOLLANDA.....	14
2.2 JUSTIFICATIVA DAS ESCOLHAS.....	15
<b>3 CAPÍTULO II – A DOR DA PERDA, SEGUNDO A PSICANÁLISE DE SIGMUND FREUD E JUAN DAVID NASIO</b> .....	17
<b>4 CAPÍTULO III – ANÁLISE DAS CANÇÕES</b> .....	22
4.1 PEDAÇO DE MIM: UMA PERDA DO PRÓPRIO EGO.....	22
4.2 ANGÉLICA: QUEM É ESSA MULHER.....	25
4.3 MEU GURI: ESPELHO DA IGNORÂNCIA E MARGINALIZAÇÃO.....	29
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	34
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	35
<b>ANEXO</b> .....	36

## INTRODUÇÃO

No presente trabalho, que se intitula *Representações da dor da perda em Chico Buarque: uma leitura de Pedaco de mim*<sup>1</sup>, *Angélica*<sup>2</sup> e *Meu guri*<sup>3</sup> pretendemos analisar e relacionar a dor da perda em diferentes nuances. Nessas canções a perda é algo latente, sobretudo a dor por ter tido a vida de um filho ceifada, vamos classificar, se é que podemos classificá-la, como uma dor pungente, que dilacera a alma, sendo assim, a maior de todas as dores.

A canção *Meu guri*, (1981), vem abordar a temática da marginalização e vulnerabilidade social da juventude periférica, no Brasil; a problemática da mulher que tem seu filho em condições de miséria, o que leva ao debate da criminalização; e a necessidade de se inserir no sistema de consumo do “ter” para “ser” que acaba, muitas vezes, levando crianças e adolescentes de periferias a adquirirem bens materiais de forma ilícita. Vejamos o que nos diz o crítico literário Igor Fagundes, em seu artigo, *O meu guri, na comunicação dos lugares sociais: Um exercício de diálogo*:

“O meu guri” permanece atual, os temas da invisibilidade social, da má distribuição de renda, da evasão de menores de idade para a criminalidade e da violência no espaço urbano brasileiro passam pela sensibilidade de Chico Buarque, nessa canção percebemos uma mãe distante da sua realidade (FAGUNDES, p. 149).

O autor nos traz uma abordagem bastante elucidativa acerca da canção *Meu guri*. Nesta canção evidencia-se uma mãe levada pelas circunstâncias que de algum modo “o trabalho” do filho lhe propicia um modo de pertencer a sociedade “como fui levada não sei lhe explicar” / “ Fui assim levando” / “Ele a me levar” / “Um lenço e uma penca de documentos pra finalmente eu me identificar”.

Em *Angélica*, (1976), Chico reproduz a fala de Zuzu Angel, estilista de alta costura que perdeu o seu filho, militante do *Movimento Revolucionário 8 de outubro*, no contexto da ditadura civil-militar. Diante da violência, Zuzu Angel reagiu, passando a utilizar suas criações como forma de protesto, discursando em resistência à ditadura que levou à morte seu

<sup>1</sup><http://www.chicobuarque.com.br/construcao/index.html>

<sup>2</sup><http://www.chicobuarque.com.br/construcao/index.html>

<sup>3</sup><http://www.chicobuarque.com.br/construcao/index.html>

filho e, conseqüentemente, a sua própria morte. Zuzu Angel foi vítima de um acidente de carro que jamais foi descoberta a causa de tal tragédia. Vejamos uma das estrofes da canção em que percebemos, de forma explícita, a dor que atormenta o coração dessa mãe: “Quem é essa mulher / Que canta sempre esse estribilho? / Só queria embalar meu filho / Que mora na escuridão do mar”.

A saudade, que aqui é flagrada, remete, primordialmente, ao relacionamento mãe-filho. A busca incessante de uma mãe pelo desaparecimento e morte de seu filho em meio à opressão causada pela Ditadura Civil-Militar, vivida no Brasil, na década de 60.

Adélia Bezerra de Meneses, crítica literária, doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada, pela Universidade de São Paulo, em seu artigo: *Dois Guris – Ou a Maternidade Ferida*, faz uma comparação bastante pertinente e profunda entre as canções *Angélica* e *Meu guri*. MENESES (2013) nos diz, “A mãe retratada em ‘Angélica’ e a faveladas do morro: o confronto dessas duas mulheres que perderam seus filhos recorta um quadro doloroso que coloca em questão a maternidade ferida”. De forma muito elucidativa, a autora nos leva a refletir sobre duas mães “órfãs de seus filhos”, um e outro assassinados: um pela repressão política, outro, pelo sistema socioeconômico que não cumpre o seu papel perante a sociedade. Uma tem exatidão dos fatos, da injustiça que sofreram ela e o filho e busca força dentro de si, passando a utilizar suas criações como forma de protesto, discursando em resistência à ditadura. Enquanto a outra mulher, é um espelho da incoerência e marginalização que passam tantas outras mães, todos os dias em nosso país. Esta e aquela estão imersas em situações distintas, no entanto a dor que as fere é exatamente a mesma, a dor da mãe pela perda de um filho.

Na canção *Pedaço de mim*, música integrante da trilha sonora da peça musical, *Ópera do Malandro*, grande sucesso de Chico Buarque dos anos 70, lançada em LP no ano de 1970, a dor da saudade é algo que perpassa toda a melodia. A palavra, saudade aparece seis vezes, transmitindo um tom melancólico pela ausência de alguém ou algo que se perdeu, que se deseja voltar a ver ou possuir.

No trabalho, aqui apresentado, faremos um paralelo entre as três poesias musicadas, aqui apresentadas, buscando se debruçar na temática da dor da perda.

## CAPÍTULO I

### 1.1 APRESENTAÇÃO DAS PRELIMINÁRES

Este trabalho, **Representações da dor da perda em Chico Buarque: uma leitura de *Pedaço de mim, Angélica e Meu guri***, letras e melodias de Chico Buarque de Hollanda, tem por finalidade analisar a construção poética da dor oriunda da perda, seja ela real ou simbólica, nos textos recortados para análise. Nessa pretensão, utilizaremos como textos privilegiados, para o entendimento desta temática, ou seja, a dor da separação de outrem, *Luto e Melancolia*<sup>4</sup>, de Sigmund Freud, como também a obra, *A Dor de Amar*, de Juan David Nasio, um autor renomado dentro do universo da psicanálise. No que tange ao aparato analítico, de cunho mais poético, iremos utilizar as obras: *Desenho Mágico: poesia e política em Chico Buarque, como também, Figuras do Feminino: na canção de Chico Buarque*, sendo essas últimas obras de Adélia Bezerra de Meneses, crítica literária.

Chico Buarque de Hollanda, dramaturgo e compositor, produziu obras em três campos específicos: na música, no teatro e na literatura. Na música, revelou-se ao público com a canção *A Banda*, que o levou a ganhar o primeiro Festival de Música Popular Brasileira, em 1964. Em seguida, Chico lança seu primeiro LP, *Chico Buarque de Hollanda*. Logo Chico conquistou reconhecimento do público e de críticos. Fez parcerias com intérpretes e compositores renomados, tais como Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Caetano Veloso, Toquinho e outros.

No teatro, produziu quatro peças: *Roda Viva*, lançada em 1967; *Calabar: o elogio da traição*, lançada em 1973; *Gota D'água*, lançada em 1975, e por fim, a *Ópera do Malandro*<sup>5</sup> que teve seu lançamento em 1978. É provavelmente um dos musicais brasileiros mais famosos. Representante de um símbolo da nossa cultura, o malandro, o barão da ralé. Chico Buarque, na nota preliminar do livro (Edição do Círculo do Livro, de 1978, afirma: “O texto da *Ópera do Malandro* é baseado na *Ópera dos Mendigos* (1728) de John Gay, e na *Ópera dos Três Vinténs* (1928), de Bertolt Brecht e Kurt Well”. Pois bem, começaremos a nossa

---

<sup>4</sup><https://carlosbarros666.files.wordpress.com/2010/10/lutoemelancolia1.pdf>

<sup>5</sup> <http://notaterapia.com.br/2015/11/09/todas-as-musicas-de-opera-do-malandro-de-chico-buarque/>

análise a partir da canção, *Pedaço de mim*, que foi produzida por Chico Buarque para compor parte da peça teatral acima mencionada.

No campo literário iniciou-se com o romance *Estorvo* (1991), *Benjamim* (1995), *Budapeste* (2003), *Leite Derramado*, (2009), e o mais recente, *O Irmão Alemão* (2014).

O valor de Chico Buarque de Hollanda, no que tange principalmente à poética, como compositor e letrista é indiscutível. A temática amorosa que se encontra presente em muitas canções buarqueanas, como a dor da perda que as relações amorosas causam nos seres humanos, são emoções expressas em muitas canções de Chico, de maneira muito peculiar. Analisaremos a categoria “perda” existente nas canções *Pedaço de mim*, lançada em 1976; *Angélica*, que se encontra no disco *Almanaque*, de 1982, e o *Meu guri*, em disco homônimo.

### 3.3 MAPEAMENTO DA CATEGORIA

Embora nas três canções a perda seja um sentimento comum, as vozes dos discursos são de espaços sociais bastantes distintos. Vejamos quais são os espaços sociais de onde provêm essas vozes:

Na canção *Angélica*, observamos um entrecruzamento de duas vozes. São vozes que dividem uma dor, uma que indaga: “Quem é essa mulher”, e outra que expressa sua dor através de um lamento pela perda do filho que desapareceu nas águas do mar. Esses enunciadores utilizam-se de vocábulos, como estribilho, embalar, lamento; logo, percebemos que se trata de um eu-lírico que advém de uma classe social privilegiada. Deflagramos uma mãe que sofre a perda do filho, que foi assassinado pela repressão político-militar, e ela tem exatidão dos fatos.

A canção *Pedaço de mim* teve sua criação para compor parte da *Ópera do Malandro*, uma peça composta de dezessete canções e que, para sua elaboração, Chico Buarque levou quase uma década, devido a sua complexidade. Esta peça foi lançada em 1978, porém, o tempo cronológico da peça é entre os anos de 1942 e 1945, na cidade do Rio de Janeiro. Esse período é muito importante, pois é quando a Alemanha nazista está em guerra. Dentro desse contexto, *Pedaço de mim* é uma canção cantada por Max Overseas e Terezinha, sua esposa, quando ela foi visita-lo na prisão. Suas estrofes são formadas por uma carga muito forte do sentimento de perda. Porém, a perda, que aqui é flagrada, tem outro sentido. Trata-se de uma

questão de perda simbólica: no caso, perde-se algo do próprio ego. A construção dessa canção aponta para o cuidado na elaboração formal do poema, tanto quanto na canção *Angélica*.

Na canção *Meu guri*, o eu-lírico difere totalmente das canções supracitadas. A voz que se anuncia é a mãe de um garoto marginalizado. Percebemos, em cada estrofe que vai se construindo, uma voz que se mostra rude, de vocabulário rasteiro. É evidenciado, logo de início, que se trata de um enunciador que advém de classes sociais inferiores. Trata-se de uma mulher que é o espelho da ignorância e marginalização, vividas por tantas outras mães, diariamente, em nosso país.

### 3.3 JUSTIFICATIVA DAS ESCOLHAS

Nosso objetivo é oferecer uma análise crítica das canções de Chico Buarque, *Pedaço de mim*, *Angélica* e *Meu guri* compreendendo o fenômeno da dor da perda pela ruptura com um ser amado, pela separação de corpos através da morte, como também a perda de uma maneira menos trágica, porém não menos dolorosa. Referimo-nos, aqui, às perdas simbólicas, visto que, o que se perde não é um ser, mas sim poder, prestígio, controle de uma situação, ou seja, uma perda do próprio ego, iremos evidenciar esta dor, de cunho simbólico, através da leitura que faremos da canção, *Pedaço de mim*.

Nas três canções, que recortamos para análise, a dor da perda é algo que se encontra presente de forma bastante substancial, porém o eu-lírico de cada uma delas se revela de lugares e formas distintas. Entre as canções *Angélica* e *Meu guri*, apesar de representarem situações socioeconômicas diferenciadas, a dor que fere as mães que são evidenciadas nessas canções é exatamente a mesma, uma dor latente, pungente, da mãe que não tem mais o seu filho.

Para compreender o conceito do luto oriundo da dor da perda, dentro da perspectiva psicanalítica, foi necessário debruçar-se sobre o texto *Luto e Melancolia*, do precursor da investigação da psique, Sigmund Freud. O autor sistematizou, teoricamente, fenômenos até então incompreendidos sobre o funcionamento mental. Tais concepções, Freudianas, nos ajudou a compreender a ideia de que o luto não se limita apenas à morte, mas ao enfrentamento das sucessivas perdas reais e simbólicas durante o desenvolvimento humano. Deste modo, pode ser vivenciado por meio de perdas que perpassam pela dimensão física e

psíquica, como os elos significativos com aspectos pessoais, profissionais, sociais e familiares que passam os indivíduos.

Também trouxemos, para nos servir de apoio nas questões de cunho psicanalítico, o renomado psicanalista, pesquisador, autor de inúmeros artigos e de 18 livros publicados e traduzidos em 13 países, Juan David Nasio. Dele, escolhemos a obra, *A Dor de Amar*. Nesta obra encontramos de forma bastante substancial, como a dor da perda é sentida por nós, seja ela uma perda por alguém que amamos ou por algo que nos é caro.

Escolhemos também as obras, *Desenho Mágico, poesia e política em Chico Buarque, e Figuras do Feminino: Na canção de Chico Buarque*, da crítica literária, Adélia Bezerra de Meneses, por serem obras que se propõem a traçar um paralelo entre canções de Chico Buarque, com o social e a História do Brasil nos tempos da Ditadura Civil-Militar, mais especificamente entre os anos de 1964 a 1985.

## CAPÍTULO II

### 2.1 A DOR DA PERDA, SEGUNDO SIGMUND FREUD

No texto *Luto e Melancolia*, publicado em 1917, de Sigmund Freud, o autor realiza uma profunda comparação entre o estado de ter perdido alguém, o luto, e o estado depressivo que hoje chamamos de melancolia. O luto, de acordo com Freud, é a dor por ter perdido alguém que se ama, um parente, um amigo, como também o luto pelo fim de um relacionamento.

Freud começa apresentando as diversas formas como a psiquiatria pensa a melancolia nesse início do século. Para alguns psiquiatras, a melancolia tinha uma causa física, orgânica, para Freud essa teoria é uma inverdade, pois, as causas da melancolia, da depressão são psíquicas, são emocionais. Em seguida, o autor traça as semelhanças entre a melancolia e o luto. Primeiro, a influência do ambiente, o desânimo profundo, a perda do interesse no mundo e nas coisas, a inibição das atividades cotidianas, coisas que a pessoa tinha interesse antes de ter a depressão ou de se encontrar em estado de luto.

Freud traça algumas diferenças entre o luto e a melancolia. Para ele, a principal diferença entre ambas as emoções é que, na depressão, há uma diminuição da autoestima, porém, na pessoa enlutada, esse sentimento não é evidenciado. No luto, há perda de um objeto, um parente ou de uma pessoa querida, a retirada da libido, da energia desse objeto. Freud fala: “cada uma das lembranças, expectativas isoladas através das quais a libido está vinculada ao objeto é evocada e o desligamento da libido se realiza em cada uma delas”. Portanto, as lembranças que estão relacionadas com o objeto perdido são trazidas à tona, são valorizadas e revividas e, depois, à liberação da energia da libido de cada uma dessas lembranças, como tudo isso se processa dentro do ser, quando perdemos alguém que nos é caro e que ficamos lembrando dessa pessoa com profunda tristeza e dor. Porém, com o tempo essas lembranças, essas imagens, vão ficando cada vez mais distantes, restando o afeto. Este encontrará um lugar dentro de nós onde sempre estará guardado.

Diante dessas emoções, Freud nos diz: “quando o trabalho do luto se construí, o ego fica outra vez livre e desinibido”. Podemos dizer que isso se dá porque as energias que estavam vinculadas a essas imagens vão sumindo. Pois bem, o que compreendemos com tudo

isso é que a melancolia é um sentimento que está longe de ser agradável para quem a sente. Imaginemos alguém com melancolia, com depressão, ela certamente irá pensar coisas negativas contra si própria, se deprecia, um lamento de si mesmo. Essa depreciação, esse lamento não está presente no luto. Vejamos o que Freud nos esclarece acerca do ser deprimido:

[...] o paciente apresenta seu ego, para nós, como sendo desprovido de valor, incapaz de realização e moralmente desprezível; ele se reprecende e se envelhece, esperando ser expulso e purinho. Degrada-se perante todos, e sente comiseração por seus próprios parentes por estarem ligados a uma pessoa tão desprezível. Não acha que uma mudança se tenha processado nele, mas estende sua autocrítica até o passado, declarando que nunca foi melhor. Esse quando é um delírio de inferioridade (principalmente moral) é completado pela insônia e pela recusa a se alimentar, e – o que é psicologicamente notável – por sua superação de instinto que compele todo ser vivo a se apegar a vida (FREUD, 2010).<sup>6</sup>

Ao contrário do luto, em que a baixa autoestima não é encontrada, na melancolia o paciente sente o seu próprio eu empobrecido, o seu próprio ego como não tendo valor, como não tendo realizado nada que possa ser considerado digno. Assim, essa carga de sentimento vai fazer com que essa pessoa se sinta inferior em relação aos outros.

Para Freud, o luto é uma reação à perda de alguém que se ama, um desinteresse pelo mundo exterior, pois este evoca, em muitos de seus aspectos, a lembrança desse alguém, a incapacidade de adotar um novo objeto de amor; também se configura no distanciamento de qualquer coisa que esteja ligado a ele. No luto, em oposição à melancolia, ocorre a perda de um objeto real, e é então que se torna pobre e sem vida. Na melancolia, esta dor, esta perda, se encontra em um nível primitivo, isto é, se perde algo do próprio ego, como podemos observar na seguinte citação:

O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade, ou o ideal de alguém, e assim por diante. Em algumas pessoas, as mesmas influências produzem melancolia em vez de luto; por conseguinte, suspeitamos de que essas pessoas possuem uma disposição patológica (FREUD, 2010).<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup><https://carlosbarros666.files.wordpress.com/2010/10/lutoemelancolia1.pdf>

<sup>7</sup><https://carlosbarros666.files.wordpress.com/2010/10/lutoemelancolia1.pdf>

Como pode ser observado, na citação acima, o luto pela perda de alguém ou de algo é vivido com intensidades diferentes, dependendo do que foi investido na relação de afeto com o que partiu. A dor da perda não se limita apenas à morte, mas ao enfrentamento de perdas também simbólicas vivida por um determinado sujeito.

De acordo com Sigmund Freud, o luto e a melancolia são processos lentos e dolorosos, que se caracterizam por uma tristeza profunda, representa o eixo relativo à perda de um ente querido. Vejamos o que o autor nos diz na citação abaixo:

O luto profundo, a reação a perda de alguém que se ama, encerra um estado de espírito penoso, a perda de interesse pelo mundo exterior – na medida que este não evoca este alguém – a perda da capacidade de adotar um novo objeto de amor (o que significaria substituí-lo) o afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre ele, (FREUD, 2010).<sup>8</sup>

Aqui, percebemos que o luto é uma resposta natural e que ninguém deve interferir de maneira brusca na vida de quem sofre esse processo. Nas canções que iremos analisar, em especial em *Angélica*, o sentimento de perda/luto é algo que perpassa toda estrutura dessa canção.

Em *Luto e Melancolia*, Freud compara a experiência do luto ao que em sua época era chamada de “melancolia” e hoje é identificada como “depressão”. No luto, a perda de alguém que amamos faz com que sintamos um vazio existencial temporário. Com o passar do tempo, recuperamos a capacidade de redirecionar os nossos afetos e, gradativamente, vamos rompendo essa barreira que nos faz afastar do mundo e às vezes de nós mesmos. No estado melancólico, a experiência tem a mesma dimensão, no entanto não se sabe o que se perdeu, ou seja, o processo de perda é inconsciente.

## 2.2 A DOR DA PERDA, SEGUNDO JUAN DAVID NASIO

---

<sup>8</sup><https://carlosbarros666.files.wordpress.com/2010/10/lutoemelancolia1.pdf>

O psicanalista Juan David Nasio inicia seu livro *A dor de amar* relatando o caso da paciente Clémence que, após longo período de tratamento de esterilidade, perde o filho três dias após o seu nascimento. Nasio, começa a tecer a sua análise sobre a dor através de fragmentos das sessões com essa paciente que sofre o processo de luto decorrente da perda de um ente amado. Vejamos o que Nasio pensa sobre a dor em um fragmento do texto do livro acima mencionado:

Sabemos que este estado de dor extrema, que perpassa o enlutado, essa mistura de esvaziamento do eu e de contração em uma imagem-lembrança, é a expressão de uma defesa, de um estremecimento de vida. Também sabemos que essa dor é a última muralha contra a loucura. No registro dos sentimentos humanos, a dor psíquica é efetivamente o derradeiro afeto, a última críspação do eu desesperado, que se contrai para não naufragar no nada (NASIO, p, 10).

A dor do enlutado é impenetrável a um outro alguém ter acesso a ela. Como bem disse o autor, “é um esvaziamento do eu”, algo que o léxico é incapaz de nomear. Lembramos que a imagem do ser perdido não deve se apagar, mas sim está viva em forma de lembranças afetuosas. Em um outro momento, NASIO (2017), nos fala das diferentes formas que a dor psíquica pode nos ocorrer, vejamos na citação abaixo:

Entretanto, seria falso acreditar que a dor psíquica é um sentimento exclusivamente provocado pela perda de um seu amado. Ela também pode ser dor de *abandono*, quando o amado nos retira subitamente o seu amor; de *humilhação*, quando somos profundamente feridos no nosso amor-próprio; e dor de *mutilação*, quando perdemos parte de nosso corpo. Todas essas dores são, em diversos graus, dores provocadas pela amputação brutal de um objeto amado, ao qual estávamos tão intenso e permanentemente ligados que ele regulava a harmonia do nosso psiquismo. Uma vez que este laço se chama *amor* (NASIO, p. 14).

Pois bem, como podemos observar, de acordo com o autor, que a dor psíquica é algo que pode nos atingir de diferentes formas, desde a desordem mental sofrida por uma humilhação, a perda de um membro, que seria a mutilação, pela ruptura de um laço com alguém que se ama, até o seu grau mais elevado de sofrimento que seria a dor causada pela morte de um afeto.

Ao contrário da dor corporal causada por um ferimento, a dor psíquica ocorre sem agressão aos tecidos. O motivo que a desencadeia não se localiza na carne, mas no laço entre aquele que ama e seu objeto amado. [...] o afeto que resulta da ruptura brutal do laço que nos liga ao ser à coisa amados. Essa

ruptura, violenta e súbita, suscita imediatamente um sofrimento interior, vivido como um dilaceramento da alma, como um grito mudo que jorra das entranhas (NASIO, p. 20).

Ou seja, como bem disse NASIO (2017), “a perda é algo que acontece em um espaço de um instante”. Em cada uma dessas etapas esse sentimento vai se impregnando em nós deixando suas marcas e cicatrizes. Veremos, mais detalhadamente, nas canções que iremos nos debruçar como se processa esse sentimento, essa lesão do laço com o outro que nos é caro.

Logo em seguida o psicanalista nos leva a refletir, de uma forma bastante elucidativa e, ao mesmo tempo irônica de qual seria o remédio para evitar o sofrimento. Vejamos parte dessa fala:

[...]Um remédio aparentemente muito simples, o do amor ao próximo. De fato, para preservar-se da infelicidade, alguns preconizam uma concepção de vida que toma como centro o amor, e na qual se pensa que toda alegria vem do amor e ser amado. É verdade – confirma Freud – que “uma atitude psíquica como é essa é muito familiar a todos nós. Certamente, nada mais natural do que amar para evitar o conflito com o outro. Vamos amar, sejamos amados e afastaremos o mal. Entretanto, é o contrário que ocorre. O clínico Freud constata: “Nunca estamos tão mal protegidos contra o sofrimento como quando amamos, nunca estamos tão irremediavelmente infelizes como quando perdemos a pessoa amada ou o seu amor (NASIO, p. 21).

Na citação acima existe uma verdade tão clara como o dia, entre a dor e o amor existe uma linha tênue que as separam. Só sofremos por algo ou alguém que faz parte do nosso ciclo de afetos, e como a vida não é algo estático, ela se constrói em movimento, sentimentos como amor, dissabor, conquista, perda, ruptura súbita sempre farão parte desse jogo que somos artífices. Recorremos mais uma vez ao que nos diz o psicanalista Nasio sobre a dor de amar:

Quando se produz uma lesão do laço com o outro, ocorre o mesmo fenômeno de trauma, de comoção interna do eu. O que é a dor psíquica? É o afeto que resulta da percepção pelo eu de um estado de comoção interna provocado pela ruptura não da barreira interior, como era o caso para a dor corporal, mas pela ruptura do laço que nos liga ao outro. (NASIO, 67).

NASIO se refere ao amor como uma condição constitutiva da natureza humana. O amor é sempre a premissa insuperável dos nossos sofrimentos, quanto mais se ama, mais se

sofre. A dor de amar é uma lesão do laço íntimo com o outro, uma dissociação brutal daquilo que é naturalmente chamado a viver junto.

### CAPÍTULO III

#### 4.1 *PEDAÇO DE MIM: UMA PERDA DO PRÓPRIO EGO*

Na canção *Pedaço de mim*, percebemos, de maneira bastante clara, como se dá o processo da perda que Freud vem chamar de melancolia, vejamos como esse sentimento é revelado na canção:

Oh, pedaço de mim  
Oh, metade afastada de mim  
Leva o teu olhar  
Que a saudade é o pior tormento  
É pior do que o esquecimento  
É pior do que se entrevar

Oh, pedaço de mim  
Oh, metade exilada de mim  
Leva os teus sinais  
Que a saudade dói como um barco  
Que aos poucos descreve um arco  
E evita atracar no cais

Oh, pedaço de mim  
Oh, metade arrancada de mim  
Leva o vulto teu  
Que a saudade é o revés de um parto  
A saudade é arrumar o quarto  
Do filho que já morreu

Oh, pedaço de mim  
 Oh, metade amputada de mim  
 Leva o que há de ti  
 Que a saudade dói latejando  
 É assim como uma fisgada  
 No membro que já perdi

Oh, pedaço de mim  
 Oh, metade adorada de mim  
 Lava os olhos meus  
 Que a saudade é o pior castigo  
 A mortalha do amor  
 Adeus

Sobretudo nas duas primeiras estrofes desta canção a saudade que se apresenta é a dor da separação entre dois amantes homem/mulher: “Oh, pedaço de mim” / “Oh, metade afastada de mim” / “ Que a saudade é o pior tormento” / “Oh, metade exilada de mim”. Porém no 3º verso percebemos uma dor bem mais profunda, dilacerada, pungente. “Que a saudade é o revés de um parto”. O revés de um parto não é senão a própria morte do filho. “A saudade é arrumar o quarto / Do filho que já morreu”. Aqui, encontra-se explícita uma dor dilacerada, a perda que como nomeamos no início do nosso trabalho, como a maior de todas as dores, a perda de um pedaço do ser, da sua prole, como explana de uma forma tão carregada de sentimento e poesia a ensaísta MENESES (2001)<sup>9</sup>, em seu artigo: *Dois Guris – Ou a maternidade ferida*. Porém, no contexto da *Ópera do Malandro*, essa canção é trazida para a peça no momento em que Max Overseas, um grande contrabandista, que representa, de maneira muito peculiar, a figura do malandro. Vale ressaltar que esta canção é um belíssimo poema lírico, em ritmo moderado que soa como um lamento. Max encontra-se preso, e Terezinha, sua esposa, vai visitá-lo. Ela é filha de Duran, homem moralista, contraditório, pois é dono de um prostíbulo. Terezinha também carrega em si uma bagagem substancial de malandragem. Com a prisão do seu esposo, ela é quem assume o comando dos “negócios”,

---

<sup>9</sup> MENESES, Adélia Bezerra. **Dois Guris – Ou a maternidade ferida**. In FERNANDES, Rinaldo (org.). Chico Buarque: o poeta das mulheres, dos desvalidos e dos perseguidos. São Paulo: Le Ya, 2013.

negócios esses de caráter não muito éticos: trata-se de mercadorias contrabandeadas vindas dos EUA.

A canção *Pedaço de mim*, é cantada por Max e Teresinha, como uma declaração de amor de um para o outro, mas tudo isso não passa de uma grande mentira, um jogo de sedução e malandragem. Ora, Teresinha está muito bem como capitalista, à frente dos negócios de Max. Para felicidade dela, ele está preso e ela pode mandar e desmandar, sem que ele interfira em absolutamente nada. Max Overseas é a maior representação da malandragem, sempre querendo levar vantagem em tudo, e um grande conquistador. A dor que é cantada por Max, através da canção *Pedaço de mim*, é por estar preso e constatar que Teresinha, nesse momento, é quem detém o poder dos seus negócios. Para tentarmos explicar esse sentimento de perda vivenciado por Max, na peça, vejamos o que diz Freud, em *Luto e Melancolia*:

[...] na melancolia também pode constituir reação à perda de um objeto amado. Onde as causas excitantes se mostram diferentes, pode-se reconhecer que existe uma perda de natureza mais ideal. O objeto talvez não tenha morrido, mas tenha sido perdido enquanto objeto de amor. [...] a melancolia está de alguma forma relacionada a uma perda objetual retirada da consciência, em contraposição ao luto, no qual nada existe de inconsciente a respeito da perda (FREUD, 2010).<sup>10</sup>

Trazendo a citação supracitada para o contexto da nossa análise, podemos concluir que Max Overseas se encontra imerso em um sentimento de melancolia, pois ele sente uma angústia por algo que está perdendo, sente um desânimo, uma espécie de impotência. Mas, vale salientar que a dor vivenciado por Max, não é pelo fato de estar preso, por estar longe de sua “amada”, mas sim a dor que o corroe é por saber que está perdendo dinheiro, por encontrar-se preso.

Este recorte da canção *Pedaço de mim* nos faz refletir sobre a grandiosidade das criações musicais de Chico Buarque. Evidenciamos que esta canção, vista fora do contexto da *Ópera do Malandro*, pode nos oferecer outras perspectivas analíticas, sobretudo uma visão da separação amorosa, seja ela amor homem/mulher ou, ainda de uma forma bem mais trágica e dolorosa a dor da perda de um filho.

Na obra *Desenho Mágico*, Adélia Bezerra Meneses nos fala da maternidade ferida, e essa forma de tratar a dor da mãe pela perda do filho nos chamou muito atenção. É uma maneira muito delicada, intensa e de uma sensibilidade inigualável para expressar, por que

<sup>10</sup> <https://carlosbarros666.files.wordpress.com/2010/10/lutoemelancolia1.pdf>

não dizer, a maior das dores que se possa imaginar, a dor de ver um filho morto. Quando tal situação ocorre, podemos imaginar um processo de dor profunda se instalar no peito da mãe que vive essa tragédia. A sensação é que uma regra foi quebrada, pois crescemos sabendo que os filhos devem sepultar os seus pais, o contrário não. É como se a vida saísse dos trilhos, desviasse do caminho.

### **3.2 ANGÉLICA: QUEM É ESSA MULHER?**

*Angélica*, uma canção composta em 1976, o eu-lírico se reporta a um fato, historicamente conhecido: o aprisionamento, a tortura, o assassinato e o desaparecimento de Stuart Edgart Angel Jones, jovem universitário, militante do Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8), no contexto da ditadura civil-militar, filho da estilista brasileira Zuleika Angel (Zuzu Angel) e do estadunidense Norman Jones. Diante dessa violência, Zuzu Angel reagiu, passando a utilizar suas criações como forma de protesto, discursando em resistência à ditadura civil-militar, que levou à morte seu filho.

A canção *Angélica* busca resgatar, em seu contexto, as marcas da repressão política militar através de um discurso melancólico e nostálgico. Todas as estrofes se iniciam com uma interrogação “Quem é essa mulher? ”, quem é esta mulher que une o destemor da morte com o amor desmesurado pela vida? Mulher que uniu todas as forças e pregou a liberdade, essa mulher que virou música de Chico Buarque, nome de túnel, foi um anjo, anjo Chamado Zuleika de Sousa Netto que aos 22 anos casa-se com o americano, Norman Angel Jones, têm três filhos, entre eles o primogênito, Sturt. Estilista mineira, responsável por levar a roupa do Brasil para o exterior nos anos 60 e 70.

Em 1960 Zuleika adotou um novo nome, passou a assinar suas criações como, Zuzu Angel, mas foi fora do cenário da moda que Zuzu se transformou em um exemplo de luta e coragem, sacrificou a própria vida para ir em busca de uma resposta, ela perguntava: “Onde está o corpo do meu filho? ”. Sturt Angel Jones, seu filho, desapareceu nos porões da ditadura, em 1971. Diante de todo esse horror, suas criações artísticas são expostas em um desfile no consolado brasileiro, em Nova York, ela faz da agulha e linha armas de protesto, Zuzu adota o anjo como símbolo do seu trabalho e do seu filho, a costureira mantém o estilo, porém não para de buscar notícias do seu filho desaparecido.

Zuzu Angel passa a acusar as forças militares pelo assassinato do seu filho Sturt, as forças da repressão passam a seguir os seus passos como formas de documentos do centro de formação do exército. Zuzu Angel, de certa forma, pressentindo que sua vida também corria risco, em 1975, ela escreve um bilhete e entrega a alguns amigos, dentre eles, Chico Buarque. Essa carta trazia um desabafo, uma denúncia: “ Se algo vier a me acontecer, se eu aparecer morta por acidente ou assalto ou outro meio qualquer terá sido obra dos mesmos assassinos do meu amado filho”. Na madrugada de 14 de abril, de 1976, cinco anos depois do desaparecimento do seu filho, a estilista de moda sofre o acidente fatal.

Quem é esta mulher cantada na canção de Chico se não a representação de Zuzu Angel, essa mãe que busca com todo as suas forças, incansavelmente, por uma resposta pelo desaparecimento do seu filho para pelo menos, sepultá-lo. Uma luta que ela perdeu tão tragicamente morta em um misterioso acidente de carro.

Fazendo um paralelo com a canção *Meu guri*, podemos inferir que as canções apresentam em suas construções eu-líricas advindos de classes sociais diferenciada, o guri é morto pela anomia e desigualdade social, enquanto o filho de Zuzu Angel é eliminado pelo aparato brutal da ditadura de 1964. Em ambos os casos, se sobressai à dor materna ante a perda do filho.

*Angélica* é uma canção formada de quatro estrofes, cada uma com quatro versos. Percebe-se que os quatro primeiros versos de cada estrofe remetem a uma pergunta. “Quem é essa mulher?” Essa mulher é Zuleika Angel Jones e recriada na canção como Angélica.

O nome próprio, Angélica<sup>11</sup>, surgiu a partir do grego *angeliké*, “mensageiro dos deuses, que chegou a forma portuguesa através do latim *angelicus*, que significa “puro como um anjo”, “aquele que se assemelha aos anjos” ou “angelical”. Ao debruçarmos o nosso olhar sobre a terminologia da palavra, *Angélica*, remete a anjo, doçura, suavidade, paz. No entanto, o que a canção *Angélica* retrata é uma dor pungente e constante, a dor da “maternidade ferida”. Podemos interpretar essa escolha de Chico, não como uma escolha sem maior relevância, mas com o propósito de homenagear e Zuzu Angel, que por sua vez traz um anjo em seu nome, despertar um olhar crítico diante de tantas barbaridades que o Brasil se encontrava imerso no contexto da Ditadura Militar, em especial, o caso da estilista Zuleika Angel Jones, que serviu de inspiração para a canção *Angélica*. Infelizmente, aqui, não há espaço para metáforas o que nesta canção está posto pode/deve ser tomado na sua literalidade.

Zuzu Angel foi uma mulher que lutou, com todas as suas forças até morrer, em 1976, num acidente de carro em condições até hoje não esclarecidas, a fim de desvendar o

---

<sup>11</sup> <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/angelica/>

desaparecimento e morte de seu filho, Sturt Edgar Angel Jones, que em 1971 foi preso, torturado e desapareceu, e seu corpo nunca foi encontrado.

Uma canção de extrema significância em que o eu-lírico é uma mulher que vive o amor materno em meio à dor da perda. Vejamos o que diz a crítica literária, Adélia Bezerra de Meneses a esse respeito:

De uma atividade arquetipicamente feminina, de lidar com tecidos, com tecelagens, com costura, ela se lança numa cruzada de denúncias e de enfrentamento do poder militar que lhe custará a vida. Passa da “ordem da festa” para a “ordem do trágico”: e ela, que nas suas confecções utilizava motivos de anjos (evocados no seu sobrenome), numa fase posterior passará a figurar soldados, cruces, tanque blindados, pássaros engaiolados (MENESES, 1982, p. 23).

A autora faz uma relação bastante pertinente da “ordem do trágico” com a “ordem da festa”, visto que a personagem da canção, que é a Zuzu Angel era uma pessoa ligada ao mundo da moda, da fantasia, uma estilista. Percebemos, aqui, a representação de uma mãe que teve o filho torturado e morto pela ditadura civil-militar, mas, sobretudo a luta de todas essas mães batalhadoras incansáveis que clamaram por justiça, num cenário de ódio e opressão. Vejamos a canção:

Quem é essa mulher  
 Que canta sempre esse estribilho?  
 Só queria embalar meu filho  
 Que mora na escuridão do mar

Quem é essa mulher  
 Que canta sempre esse lamento?  
 Só queria lembrar o tormento  
 Que fez o meu filho suspirar

Quem é essa mulher  
 Que canta sempre o mesmo arranjo?  
 Só queria agasalhar meu anjo  
 E deixar seu corpo descansar

Quem é essa mulher  
 Que canta como dobra o sino?  
 Queria cantar por meu menino  
 Que ele já não pode mais cantar.

Percebe-se, na melodia, uma constância rítmica, algo que se assemelhe a um lamento, evidenciado por essa mulher que procura incessantemente pelo seu filho desaparecido. Para dar ênfase a esse clamor, o eu-lírico utiliza vocábulos como “lamento”, “tormento”, “escuridão”, criando, assim, uma atmosfera de dor e, ao mesmo tempo, de denúncia, sobretudo quando faz menção à “escuridão”, pois o corpo do seu filho nunca foi encontrado e provavelmente foi jogado no fundo do mar.

Na canção, há duas vertentes de interpretação: uma poética e outra, um protesto. Na referência poética, Chico Buarque faz um jogo metafórico (esses aspectos podem ser vistos quando o autor menciona elementos que fazem parte do universo musical, tais como: “estribilho”, “arranjo”, “sino”), dando à canção leveza e encantamento. No que tange à opressão excessiva do regime vigente naquela época, a canção faz alusão ao poder e à força da ditadura militar, que impedia o indivíduo de se expressar e defender os seus ideais. É o reflexo de uma constante mudança que se neutraliza diante de um poder ditatorial denominado.

De acordo com Freud, a dor da perda causa um desinteresse pelo mundo externo é causado pelo fato de que este não invoca mais o objeto perdido. Há perda da capacidade de adotar um novo objeto de amor para substituir o que foi perdido e o afastamento de atividades que não estejam ligadas a pensamentos sobre esse objeto. Vejamos na seguinte citação:

São executadas pouco a pouco, com grande dispêndio de tempo e de energia catexial, prolongando-se psiquicamente, nesse meio tempo, a existência do objeto perdido. Cada uma das lembranças e expectativas isoladas através das quais a libido está vinculada ao objeto é evocada e hipercatexizada, e o desligamento da libido se realiza em relação a cada uma delas. Por que essa transigência, pela qual o domínio da realidade se faz fragmentariamente, deve ser tão extraordinariamente penosa, de forma alguma é coisa fácil de explicar em termos de economia. É notável que nosso penoso desprazer seja aceito por nós como algo natural. Contudo, o fato é que, quando o trabalho do luto se conclui, o ego fica outra vez livre e desinibido (FREUD, 2010).<sup>12</sup>

Ou seja, a perda de um ente querido é uma experiência muito difícil, pois a tristeza oriunda desse afastamento, essa separação de corpo impacta negativamente o psiquismo do

<sup>12</sup> <https://carlosbarros666.files.wordpress.com/2010/10/lutoemelancolia1.pdf>

indivíduo. As pessoas que fazem parte da nossa vida têm um significado especial, sobretudo quando essa perda se dá pela morte de um filho, como retratada nas canções, “Angélica”.

Por mais que todos nós tenhamos a certeza que um dia iremos morrer, e que a qualquer momento poderemos perder alguém querido, não se pode imaginar o sofrimento e as consequências que esta perda pode nos trazer. E, sobretudo, quando essa perda é a perda de um filho.

A palavra piedade léxico que vem do latim (*pietas*<sup>13</sup> = piedade, afeição, ternura, onidade), expressão essa que foi tão bem representada por Michelangelo através de uma de suas mais belas e tocantes esculturas que expressa essa dor aguda que não tem nome, essa dor estranha, a dor da perda do filho. É como se uma parte dessa mãe tivesse sido amputada, o filho está morto, mas dentro dela essa dor não quer se acomodar.

### 3.3 *MEU GURI: ESPELHO DA IGNORÂNCIA E MARGINALIZADE*

Dando continuidade à nossa pesquisa, em que buscamos um diálogo entre as canções supracitadas, a partir de agora debruçamos o nosso olhar a canção *Meu guri*, composta por Chico Buarque em 1981, aborda a temática da marginalização e da vulnerabilidade social de crianças e de jovens, que habitam as periferias das cidades brasileiras; a problemática da mulher-mãe que tem seu filho sem as condições adequadas para cria-lo vindo, por fim, a perde-lo em meio às infrações aos nossos códigos penais.

É uma canção que tem como eu-lírico uma mãe, que relata a vida de um filho adolescente, que reside em uma favela e pratica pequenos roubos, sempre com a ambição de inserir-se em um contexto de consumo que lhe permita “chegar lá”, através de ações ilegais, uma maneira para alcançar seus sonhos. Essa mãe que, em sua ingenuidade, tudo ignora, não consegue enxergar a vida desregrada que o filho leva. Vejamos a canção:

Quando, seu moço, nasceu meu rebento  
 Não era o momento dele rebentar  
 Já foi nascendo com cara de fome  
 E eu não tinha nem nome pra lhe dar  
 Como fui levando, não sei lhe explicar

---

<sup>13</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pietà\\_\(Michelangelo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pietà_(Michelangelo))

Fui assim levando ele a me levar  
E na sua meninice ele um dia me disse  
Que chegava lá  
Olha aí!

Olha aí  
Ai, o meu guri, olha aí!  
Olha aí!  
É o meu guri e ele chega

Chega suado e veloz do batente  
E traz sempre um presente pra me encabular  
Tanta corrente de ouro, seu moço  
Que haja pescoço pra enfiar  
Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro  
Chave, caderneta, terço e patuá  
Um lenço e uma penca de documentos  
Pra finalmente eu me identificar, olha aí!  
Olha aí  
Ai, o meu guri, olha aí!  
Olha aí!  
É o meu guri e ele chega

Chega no morro com o carregamento  
Pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador  
Rezo até ele chegar cá no alto  
Essa onda de assaltos tá um horror  
Eu consolo ele, ele me consola  
Boto ele no colo pra ele me ninar  
De repente acordo, olho pro lado  
E o danado já foi trabalhar  
Olha aí!

Olha aí  
 Ai, o meu guri, olha aí!  
 Olha aí!  
 É o meu guri e ele chega

Chega estampado, manchete, retrato  
 Com venda nos olhos, legenda e as iniciais  
 Eu não entendo essa gente, seu moço  
 Fazendo alvoroço demais  
 O guri no mato, acho que tá rindo  
 Acho que tá lindo de papo pro ar  
 Desde o começo, eu não disse, seu moço  
 Ele disse que chegava lá  
 Olha aí!

Olha aí, olha aí  
 Olha aí, ai o meu guri, olha aí  
 Olha aí, é o meu guri

Nessa canção, percebemos uma mãe distante da sua realidade. Ela é levada pelas circunstâncias que, de algum modo, “o trabalho” do filho lhe propicia, como um modo de pertencer à sociedade: “como fui levando não sei lhe explicar” / “Eu não entendo essa gente, seu moço” / “Um lenço e uma penca de documentos pra finalmente eu me identificar”. Ela é uma mulher totalmente excluída da sociedade, que nem documentos possui e, na ilusão de finalmente fazer parte do mundo social, alegra-se ao receber do filho “uma bolsa com uma penca de documentos pra finalmente se certificar”. Vejamos mais uma estrofe na canção:

Chega estampado, manchete, retrato  
 Com venda nos olhos, legenda e as iniciais  
 Eu não entendo essa gente, seu moço  
 Fazendo alvoroço demais  
 O guri no mato, acho que tá rindo  
 Acho que tá lindo de papo pro ar

Desde o começo eu não disse, seu moço!  
 Ele disse que chegava lá

E, de repente, a descrição do guri se tornando notícia na mídia, ganhando manchete. Na canção, a ironia consiste no contraste entre o chegar “estampado, manchete, retrato”, por outro, “com vendas nos olhos” e “as iniciais”. Ainda era um menino. Há uma descrição figurada do trágico, da morte: “O guri no mato, acho que tá rindo / Acho que tá lindo de papo pro ar”.

Podemos imaginar a cena que se revela, pela última vez: o filho nos braços daquela que lhe trouxe ao mundo e agora estava ali, imóvel e sem vida. Nos olhos da mulher, sobreviveu um silêncio que é capaz de comunicar mil palavras por minuto, dor que não tem nome, dor que não tem jeito, dor que não tem remédio que faça parar de doer. O filho nos braços parece reacender um desejo de retorna-lo ao ventre, de gera-lo novamente, dor de parto, mais ao contrário, pois o meu filho já nasceu, já viveu e já morreu. Sepultar um filho é um jeito estranho de sepultar um pedaço de si mesmo.

Tanto na canção *Angélica* quanto em *Meu guri*, se revelam duas mães que sofrem a perda do filho, um e outro assassinados: um pela repressão política, outro, pela polícia. Uma tem exatidão dos fatos, da injustiça que sofreram ela e o filho e busca força dentro de si, passando a utilizar suas criações como forma de protesto, discursando em resistência à ditadura. Enquanto a outra é um espelho da incoerência e marginalização que passam tantas outras mães todos os dias em nosso país. Esta e aquela estão imersas em situações distintas. No entanto, a dor que as fere é exatamente a mesma, dor latente, pungente, da mãe que não tem mais o seu filho. Vejamos o que diz, Meneses:

Duas mães, dois filhos mortos, o “anjo” e o marginal – ambos assassinados: um, pelas forças mortíferas da repressão política; outro, eliminado pela força policialesca, sabe que perdeu o filho e, a partir dessa consciência, pode estruturar o seu luto e emprestar um sentido para a sua vida; cantar por seu menino, que ele não pode mais cantar. E outra, analfabeta, nem pode ler a legenda das fotos do jornal e decodificada os signos da morte: “O guri no mato, acho que ta rindo / Acho que ta lindo de papo pro ar” (MENESES, 1982, p. 29).

De uma forma muito elucidativa, Adélia Meneses tece comparações entre *Angélica* (1976) e *Meu Guri* (1981). Em *Angélica*, Chico recria a fala de Zuzu Angel, estilista de alta costura que perdeu o filho, militante do “Movimento Revolucionário 8 de outubro – MR8”,

no contexto da ditadura militar. Diante da violência, Zuzu Angel reagiu, passando a utilizar suas criações como forma de protesto, discursando em resistência à ditadura, o que terminou em uma morte anunciada, em razão de suposto acidente, que levou à sua morte. Já, na canção, “Meu Guri” traz uma mãe bastante alheia à própria realidade, uma mãe que pouco entende sua situação e a de seu filho.

#### IV CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste trabalho, que fez parte do requisito curricular para a obtenção do título de Licenciatura em Letras, teve como orientador o professor, Dr. Hermano de França Rodrigues, pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB, se propôs a traçar uma discussão teórica com relação aos processos da perda simbólica e real, a partir de canções de Chico Buarque de Hollanda.

No primeiro passo nos propusemos a mapear em que espaços a dor da perda é revelada nas canções analisadas e suas singularidades de acordo com o contexto situacional de cada uma delas. Para compreender o conceito de luto oriundo da dor da perda, dentro da perspectiva psicanalítica, foi necessário recorrer ao texto *Luto e Melancolia*, de Sigmund Freud, como também nos apoiamos na obra *A Dor de Amar*, do psicanalista contemporâneo, Juan David Nasio.

Paralelamente, utilizamos partes da obra *Desenho Mágico: poesia e política em Chico Buarque*, da crítica literária e pesquisadora de composições buarquianas, *como também, Figuras do Feminino: na canção de Chico Buarque*, ambas as obras de Adélia Bezerra de Meneses, onde fizemos uma comparação entre as canções, buscando sempre perceber quais são os pontos em comum e o que as diferem.

Ao termino deste trabalho nos sentimos extremamente gratos pela viagem ao universo da dor oriunda da perda, não que tal acontecimento possa nos trazer euforia, felicidade, longe disso, também não foi nossa intenção tornar irrelevante algo tão sério e doloroso na vida de quem é acometido pela dor da separação de um afeto.

Se pararmos para pensar: Como lidar com a dor da perda? Não saberemos explicar. Porém, apesar de termos consciência que jamais estaremos preparados para aceitar e administrar algo tão nefasto nos sentimos agraciados pela forma tão poética e, também, crítica que Chico Buarque discorre acerca da dor perda em suas poesias-canções.

Para concluirmos nossas considerações sobre o tema escolhido para este trabalho de monografia, gostaríamos de recorrer, mais uma vez, a crítica literária, Adélia Meneses:

O POETA É AQUELE SER A QUEM É DADO, MAIS DO QUE aos outros, o poder de manifestar a vida dos afetos; é como se ele tivesse uma maior possibilidade de contato com o próprio inconsciente (pessoal e filogenético) e a poesia é um espaço em que se permite ao inconsciente aflorar (MENESES, p. 19).

Com esta última citação, a ensaísta, MENESES nos apresenta de forma tão peculiar e elegante, a importância e sensibilidade que só a alma poética, no caso, Chico Buarque, tem para lidar com o universo dos sentimentos, dos afetos. Desse modo ficamos por aqui com a nossa singela contribuição e pesquisa sobre o universo da perda através das poesias musicadas recortadas para análise.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOLLANDA, Chico Buarque de. **Ópera do Malandro**. Cultura, 1978;

MENESES, Adélia Bezerra de. **Desenho Mágico: poesia e política em Chico Buarque**. São Paulo: Hucitec, 1982;

\_\_\_\_\_. **Dois Guris – Ou a maternidade ferida**. In FERNANDES, Rinaldo (org.). Chico Buarque: o poeta das mulheres, dos desvalidos e dos perseguidos. São Paulo: Le Ya, 2013.

\_\_\_\_\_. **Figuras do Feminino: na canção de Chico Buarque**. Ateliê Editorial: 2ª edição, 2001;

NASIO, Juan David. **A Dor de Amar**. São Paulo: Jorge Zahar Editora Ltda. 2007;

## REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

<https://carlosbarros666.files.wordpress.com/2010/10/lutoemelancolia1.pdf>

<http://www.chicobuarque.com.br/construcao/index.html>

---

<https://ia801700.us.archive.org/0/items/FelixGaffiotDictionnaireIllustr.LatinFrancais/DictionnaireIllustr-Latin-Franais.pdf>

<https://psicologado.com/abordagens/psicanalise/luto-e-melancolia-nas-teorias-de-freud-e-melanie-klein>

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Pietà\\_\(Michelangelo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pietà_(Michelangelo)).

## ANEXO



Autor: Michelangelo Buonarroti

Data: 1499

Técnica: escultura em mármore

Dimensões: 174x195

Localização: Basílica de São Pedro, Vaticano.